

# A CAPITAL DO BRASIL NO SERTÃO DO CENTRO-OESTE: CAMINHOS DE MEMÓRIA

Ivany Câmara NEIVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Pretende-se registrar marcas da formação de Brasília (construída e inaugurada em 1960, no sertão do Centro-Oeste brasileiro), no processo de formação histórica, cultural, artística e literária da Região. Buscam-se referências na literatura e na história brasileiras – especialmente nas que se referem à ideia de sertão, e nas que tratam dos processos de mudança da capital. Entre essas referências, destacam-se anotações feitas durante explorações pelo Sudeste Goiano, no âmbito da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, em 1947 e 1948, pelo agrônomo Antônio de Arruda Câmara e por Guiomar de Arruda Câmara - respectivamente em crônicas e no Diário de Campo, e em cartas à sua filha Joanna de Arruda Câmara. Observa-se que o caráter afetivo das informações traz expressiva contribuição ao Conhecimento (Antônio e Guiomar são avós da autora); que as histórias contadas oralmente, ou em crônicas e diários de campo, e em cartas, são documentos essenciais para a reconstrução de caminhos; e, a partir dessas memórias, que a interiorização da capital desempenha papel importante na imagem que foi sendo construída do Centro-Oeste brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Centro-Oeste. Brasília. Formação. Mudanças. Comissão Polli Coelho.

## 1. Explorações de um sertanejo paraibano no sertão do Brasil Central

A capital ia ser mudada  
para o interior, para o

---

<sup>1</sup> Doutora em História Cultural, pela Universidade de Brasília. Professora e pesquisadora na UCB – Universidade Católica de Brasília. Cursos de Comunicação Social e de Arquitetura e Urbanismo. Brasília, DF, Brasil. CEP 71966-700. E-mail: ivacomunica@gmail.com (pedido de demissão, da UCB, em dezembro de 2013)

sertão profundo...  
(ARRUDA CÂMARA,  
1960)

Brasília é trazer o Brasil  
para dentro do Brasil.  
(FREITAS, 2014, apud  
COTRIM, 2014)<sup>2</sup>

Brasília, a capital do Brasil, está no Distrito Federal agora interiorizado, no Centro-Oeste brasileiro.



Fig.1 – Mapa do Brasil. Regiões. Disponível em <http://www.viagemdeferias.com/joapessoa/fotos/mapa-do-brasil.gif>. Acesso em 09.06.2014.

---

<sup>2</sup> Frase da jornalista Conceição Freitas. Apud COTRIM, Márcio, História da história. *Correio Braziliense*, Brasília, 14 jun. 2014. Cidades, p.9.



Fig.2 – Estado de Goiás, no Centro-Oeste brasileiro; Brasília, a capital do Brasil desde 1961. Disponível em <http://www.viagemdeferias.com/mapa/goias/>. Acesso em 09.06.2014.

Em 2014, no dia 21 de abril, completaram-se 54 anos de Brasília. Há quatro anos, em 2010, comemorou-se o cinquentenário de sua inauguração: cinquenta anos da interiorização da capital, com a mudança de localização do Distrito Federal, que a abriga, do litoral para o Centro-Oeste do país.

Também há cerca de cinquenta anos, meu avô Antônio de Arruda Câmara me contava histórias da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, da qual participara em 1947 e 1948. Dizia ele:

O trabalho da Comissão era indicar o local onde (um dia) ia ser construída Brasília... A capital ia ser mudada para o interior, para o sertão profundo... E lá ia eu, sertanejo do Ingá do Bacamarte, agrônomo formado em Minas Gerais, participar daquelas pesquisas no sertão do Brasil Central...  
(ARRUDA CÂMARA, 1960)

Antônio contava histórias de Brasília, de antes de sua construção. É bom estarmos atentos a que a capital é cinquentenária,

mas as ideias de interiorização datam de quase três séculos. Vale lembrar um pouco dessa trajetória – que é também um pouco da trajetória do Centro-Oeste.

Podem ser revistos os mapas do cartógrafo italiano Francesco Tosi Colombina na Villa Boa de Goyaz, em 1751, e a divulgação das idéias mudancistas pela imprensa, em matérias do jornalista Hipólito José da Costa, em 1808, e os relatos dos viajantes.

Desses relatos, destacam-se aqueles do engenheiro e diplomata Francisco Adolfo Varnhagen – o Visconde de Porto Seguro. Varnhagen chegou a publicar, em Viena, no ano de 1877, o livreto “A Questão da Capital: marítima ou no interior?”, em que são reunidas suas preocupações e sugestões sobre a transferência da capital para o Centro-Oeste.

Doze anos depois, cai o Império e é proclamada a República no Brasil. Na primeira Constituição republicana, de 1891, fica estabelecida a mudança, em seu artigo 3º:

Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 km<sup>2</sup>, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital federal.  
(CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1891. Artigo 3º)

Foram dessa época as duas missões de exploração e de estudos do Planalto Central, ambas chefiadas pelo astrônomo Luiz Cruls, respectivamente em 1892 e 1894.

A primeira – Comissão Exploradora do Planalto Central – percorreu cerca de 14 mil quilômetros e demarcou, em forma de quadrilátero, os 14.400 km<sup>2</sup> definidos pela Constituição para o futuro Distrito Federal. O polígono ficou conhecido como Quadrilátero Cruls, dentro do qual a segunda Comissão – Comissão de Estudos da Nova Capital da União –, deveria indicar a localização da capital.

Os resultados dos levantamentos feitos pelas Comissões foram consolidados em dois relatórios, publicados respectivamente em 1894 (conhecido como Relatório Cruls, referente aos estudos da Comissão Exploradora do Planalto Central), e em 1896, apresentado como Relatório Parcial da Comissão de Estudos da Nova Capital da União.

Passaram-se mais de meio século, mais de dez Presidentes da República e duas Constituições para que o tema da mudança da capital voltasse a ser tratado oficialmente, em termos de providências efetivas.

A Constituição Federal de 1946 definia, no artigo 4º de suas Disposições Transitórias: “A capital da União será transferida para o planalto central do país”.

No mesmo ano, foi criada a Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil - conhecida como Comissão Polli Coelho, por ser presidida pelo General Djalma Polli Coelho, então Diretor do Serviço Geográfico do Exército. Os estudos preliminares são concluídos em 1947, e se iniciam os trabalhos de campo no Planalto Central e Triângulo Mineiro. Em agosto de 1948, a Comissão aprova seu Relatório Geral e Polli Coelho o encaminha ao Presidente Dutra.

Em contraste com o Relatório Cruls, que vem sendo objeto de diversas edições, os resultados da Comissão Polli Coelho são pouco divulgados. As publicações existentes são aquelas originais, de pequena tiragem, produzidas no âmbito da própria Comissão<sup>3</sup>.

Assim, ganham especial interesse as narrativas pessoais de quem participou dos trabalhos e as histórias registradas ao longo das viagens, como acontece nas crônicas e no diário de campo do

---

<sup>3</sup>COMISSÃO DE ESTUDOS PARA LOCALIZAÇÃO DA NOVA CAPITAL DO BRASIL. *Relatório Técnico*. 3v.. Rio de Janeiro, 1948.

Em Brasília, encontram-se os três volumes na Biblioteca do Arquivo Público do Distrito Federal.

agrônomo Antônio de Arruda Câmara e nas cartas escritas por sua esposa Guiomar de Arruda Câmara a sua filha Joanna<sup>4</sup>.

Arruda Câmara era Diretor do Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura e dirigia a Escola de Horticultura Wenceslao Bello, no Rio de Janeiro, onde era também professor. Seu método de trabalho, na condução das Investigações Agronômicas, incluía técnicas de sua profissão e, de forma a seu tempo pioneira, o registro de histórias contadas pelas pessoas da região estudada:

Marchar, ver e interrogar, de modo a fazer juízo seguro, coligindo dados para a precisa interpretação... Com entusiasmo, sem dificuldades e sem fadiga... Boa vontade e compreensivo interesse encontramos sempre, e em toda parte.  
(ARRUDA CÂMARA, 1948, p.2)

Passaram-se cinco anos do encaminhamento do Relatório Final da Comissão Polli Coelho ao Congresso Nacional até a retomada de estudos, agora para definir o *sítio* e a *área* da nova capital. Em agosto de 1953, o Presidente Getúlio Vargas criou a Comissão de Localização da Nova Capital Federal e, em 1955, foi definido o sítio onde deveria ser construída Brasília.

No ano seguinte, no governo do Presidente Juscelino Kubitschek, começaram as obras de construção da capital, inaugurada em 1960, numa área de 472,12 km<sup>2</sup> dos 5.789,16 km<sup>2</sup> do novo Distrito Federal.

## 2. O sertão do Centro-Oeste

---

<sup>4</sup> O diário, as crônicas e as cartas constam do acervo pessoal de Ivany Câmara Neiva.  
**GUAVIRA LETRAS**, n. 18, jan.-jul. 2014

[...] Brasília, síntese dos processos que definiram os novos rumos da história brasileira e, principalmente, neste pedaço de Sertão [...]. (MONTI, Brasília, 2007, p.18).

Em 2014, 54 anos depois da inauguração de Brasília “no sertão profundo do Brasil”, essa expressão – sertão – mantém-se presente quando se fala nos caminhos do Brasil Central, do Centro-Oeste. Em 2010, entre as reportagens sobre o meio século da capital, foi repetida várias vezes, como quando se contava sobre os cavaleiros comandados pelo neto de Oscar Niemeyer, que vinham viajando de Niterói a Brasília:

As crianças da Escola Classe Cariru, no Paranoá, fizeram festa ontem para um grupo de cavaleiros que, há quase um mês, percorre o sertão visitando colégios e vilarejos. (ABREU, 2010, p.46)

Foi também a palavra usada por Antônio de Arruda Câmara, quando se referia às pesquisas da Comissão Polli Coelho em terras goianas.

Ali, quando falava nos “sertões do Brasil Central”, certamente confrontava a localização litorânea da então capital Rio de Janeiro com o projeto de mudança para o interior do Brasil, do qual estava participando. Falava de um sertão profundo, de um interior brasileiro no centro do país, longe do mar. Quando se definia como “sertanejo” paraibano, lembrava-se de suas origens no Ingá, emendando suas andanças pelo Centro-Oeste com aquelas pelas regiões do Semiárido e do Sertão da Paraíba.

“O sertão é do tamanho do mundo”, dizia o Riobaldo de Guimarães Rosa<sup>5</sup>. E se espalha, e permanece, em expressões do imaginário e da cultura brasileira, em várias interpretações ao longo do tempo e do espaço. Volto ao artigo da historiadora Janaína Amado, em que a autora reconhece que

no conjunto da história do Brasil, em termos do senso comum, pensamento social e imaginário, poucas categorias têm sido tão importantes [...] quanto a de ‘sertão’.  
(AMADO, 1995, p. 145)

Como categoria espacial, Janaína Amado lembra que “sertão” vem designando uma ou várias regiões brasileiras, referindo-se desde ao Nordeste – onde nomeia uma subárea específica -, até áreas interiores “tão distintas”<sup>6</sup> em locais como Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Amazonas, Rio Grande do Sul.

Pensada como categoria do pensamento social, o sertão “é uma das mais recorrentes no pensamento social brasileiro, especialmente no conjunto de nossa historiografia”<sup>7</sup>. Presente desde o século XVI, em relatos de viajantes e cronistas que visitaram o país, teve importância nas pesquisas de historiadores e cientistas sociais no século XX.

Mesclando as demais possíveis categorias, “sertão” é uma categoria cultural, como lembra Janaína Amado, citando exemplos na literatura brasileira oral e escrita, “marcando [...], funda e definitivamente, o imaginário brasileiro”<sup>8</sup> - como nas expressões de

---

<sup>5</sup> ROSA, Guimarães. *Grande Sertão, Veredas*. 13.ed.. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979. p.59.

<sup>6</sup> AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995. p.149.

<sup>7</sup> AMADO, Janaína. op.cit. p.145.

<sup>8</sup> AMADO, Janaína. op.cit., p.146.

artes plásticas, cinema, música, teatro, nos mitos, nas realidades que se constroem.

“Muitos são os sertões do Brasil”<sup>9</sup>. Repetimos o que assinalava Geisa Mendes, por sua vez lembrando Maria de Fátima Rodrigues<sup>10</sup>, que no título de sua tese já traz esse recado: sertão no plural.

Sobre os sertões do Brasil Central, buscamos referências em alguns dos pensadores sobre o Brasil, a região e o sertão, que publicaram textos sobre o assunto nos últimos dez a vinte anos. Darcy Ribeiro, quando trata do Brasil Sertanejo e das terras que se desdobram desde a orla do agreste, passando pelas “enormes extensões semi-áridas das caatingas”, chega “mais além, penetrando já o Brasil Central”<sup>11</sup>, e menciona especificamente Goiás, nessa “vastidão do mediterrâneo interior”<sup>12</sup>.

Paulo Bertran, quando busca as *Idades* do Brasil<sup>13</sup> e as origens histórias antigas do Planalto Central<sup>14</sup>, diversas vezes se refere às “sesmarias dos sertões” “da capitania dos Goyases”, como o Sertão do

---

<sup>9</sup> MENDES, G.F. e ALMEIDA, M.G.. Memória, Símbolos e Representações na Configuração Socioespacial do Sertão da Ressaca – Bahia. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*. Fortaleza, ano 07, número 13, 2008 p 29-37. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/5/2>. Acesso em 12.06.2014.

<sup>10</sup> RODRIGUES, M. de F. F. *Sertão no Plural: da linguagem geográfica ao território da diferença*. 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

<sup>11</sup> RIBEIRO. Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.306.

<sup>12</sup> RIBEIRO. Darcy. op.cit., p.317.

<sup>13</sup> Referência ao Memorial das Idades do Brasil, situado no Lago Norte, em Brasília, que Paulo Bertran dirigiu até 2005.

<sup>14</sup> BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central. Eco-História do Distrito Federal: do indígena ao colonizador*. Brasília: Verano, 2000. p.156,157,159,80,40 e *passim*.

Campo Aberto (na divisa leste do Distrito Federal de hoje) e o Sertão do [rio] Paranã.

Victor Leonardi, parceiro de Renato Barbieri no roteiro dos documentários “Invenção de Brasília” e “As Idades de Brasília”<sup>15</sup>, fala das “narrativas interioranas e sertanejas”, e trata da “história do sertão brasileiro”, em especial da Amazônia e do Centro-Oeste, “entre árvores e esquecimentos”<sup>16</sup>.

Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante aborda a questão da reestruturação do poder político em Goiás, na década de '80 do século XX, e toma como referência “as experiências partilhadas por aqueles que habitavam o sertão de Goiás e Tocantins”<sup>17</sup>.

Mireya Suárez discute a categoria “sertão”, como suporte para suas pesquisas no município de Arraias<sup>18</sup>, no antigo Estado de Goiás – atual Tocantins.

Ézio Bazzo<sup>19</sup>, ao longo de sua travessia do São Francisco, pensa em “Metrópoles da Promissão” que atraem (e devoram) levas de sertanejos – como na edificação de Brasília.

---

<sup>15</sup> *A Invenção de Brasília*. Direção: Renato Barbieri. Roteiro: Renato Barbieri e Victor Leonardi. Brasil, 2001.

*As Idades de Brasília*. Direção: Renato Barbieri. Roteiro: Paulo Eduardo Barbosa e Victor Leonardi, 2010.

<sup>16</sup> LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimentos – história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996. Capítulo17- História e sertão.

<sup>17</sup> CAVALCANTE, M. E. S. R. Fronteiras de identidade regional no Sertão do Brasil Central. *Revista Presença*. Goiânia, 09-10 set.1986. Disponível em <http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2001/CavalcanteMaria.pdf>.

Acesso em 10.06.2014.

<sup>18</sup> SUÁREZ, Mireya. Sertanejo: um personagem mítico. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, 1(1): 29-39, jan./jun. 1998.

<sup>19</sup> BAZZO, Ezio Flavio. *Entre os gritos do carcará e a desfaçatez da raça humana*. Brasília: Bucentauro Publicações, 2006. p.57.

Brasília, plantada no sertão do Brasil Central, seria uma Brasília-Sertão, como a chama Estevão Monti, em 2007, enquanto investiga os processos de resistência da cultura sertaneja frente à desconstrução e ao desenraizamento intensificados por Brasília<sup>20</sup>.

### 3. Caminhos no Centro-Oeste, caminhos do Centro-Oeste

Se o passado é um país estrangeiro, a nostalgia tornou-o o país estrangeiro com a indústria mais saudável de todas: a turística.<sup>21</sup>

LOWENTHAL, D. *The Past is a Foreign Country*. 1985.<sup>22</sup>

O tempo da memória é o presente, mas ela necessita do passado. O tempo da memória é o presente, porque é no presente que se constrói a memória.

(MENEZES, 2007. p.32)<sup>23</sup>

A descoberta do Brasil Central, a visibilidade nacional do Centro-Oeste, já acontecem, seja por quem ali mora e por quem, mais distante, vai ali buscar seus caminhos interioranos, suas histórias, a formação e as transformações de sua identidade. O assunto já está

---

<sup>20</sup> MONTI, Estevão Ribeiro. op. cit.

<sup>21</sup> Em 2010, fui professora visitante do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília, e participei do encontro Turismo Sertanejo, em Monteiro/PB, Preparei, então, um artigo em que imaginava a possibilidade de construir “roteiros turísticos” a partir dos itinerários seguidos pela Comissão Polli Coelho. Vem daí a importância que passei a atribuir à literatura sobre Turismo.

<sup>22</sup> LOWENTHAL, D. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. Apud URRY, John. *Olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 3.ed.. São Paulo: Studio Nobel, 2001. [p. 5].

<sup>23</sup> MENEZES, Ulpiano B. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de. *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. p.32.

pulsante em viagens com destinos urbanos, rurais, “ecológicos”, e também em estudos e propostas, como os projetos relativos à Estrada Geral do Sertão<sup>24</sup>, ao Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão<sup>25</sup>, à Estrada Colonial no Planalto Central<sup>26</sup>, aos Caminhos do Brasil Central<sup>27</sup>; e na imagem, no romance, na poesia – na História.

Certamente, a concretização das idéias mudancistas, culminando com a construção de Brasília, tornou a região mais “visível” para o país, e foi essencial para que se descortinassem mais amplamente seus “tesouros” antigos e novos.

A referência aqui considerada para lembrar caminhos de memória do Centro-Oeste são os itinerários percorridos por Antônio de Arruda Câmara e Guiomar de Arruda Câmara, pelo sudeste de Goiás, no âmbito dos estudos da Comissão Polli Coelho.

As viagens tiveram como ponto de apoio a cidade de Goiânia, também planejada, como Brasília, e à época com menos de 20 anos<sup>28</sup>. Foram percorridos cerca de cinquenta roteiros, abrangendo mais de setenta localidades, entre cidades e povoados, empreendimentos agrícolas e projetos de colonização, vales, lagoas e cachoeiras.

Pelas informações registradas no Diário de Campo e nos Relatórios Técnicos de Antônio de Arruda Câmara (e, mais tarde, em suas crônicas), e nas cartas escritas por sua esposa Guiomar ao longo

---

<sup>24</sup> MAGALHÃES, L.R. & ELEUTÉRIO, R. *Estrada Geral do Sertão – na rota das nascentes*. Brasília: Editora Terra Mater Brasilis, 2008.

<sup>25</sup> *Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão: caminhos do imaginário*. Exposição. Teatro Nacional. Brasília, junho 2006.

<sup>26</sup> Por exemplo: *Estrada Colonial: Roteiro gastronômico*. Brasília: Instituto Paidéia, dezembro de 2008.

<sup>27</sup> Brasiliatur. Universidade de Brasília / Centro de Excelência em Turismo. *Rota Turística Caminhos do Brasil Central – Turismo Regional Integrado*. Brasília, 2009.

<sup>28</sup> Goiânia foi fundada em 1933.

das viagens, verifica-se que as pesquisas tinham, como fonte valiosa e tão (ou mais) relevante que os ‘estudos de gabinete’, as informações e os comentários dos moradores das regiões visitadas.

Essa proximidade com a população local da época pode ser considerada como procedimento importante para a construção de informações primárias e de registros de memória. Fica reconhecida, assim, a importância das diferentes localidades para a memória da capital brasileira e do Centro-Oeste que a passou a abrigar. O sentido de pertencimento dos moradores em relação ao Brasil (e ao Centro-Oeste) pode ser buscado a partir de memórias e de histórias contadas.

Não se trataria de caracterizar, como atrativos principais, os prédios, as ruas, os objetos da época de passagem da Comissão pelas cidades e vilas, nem mesmo a paisagem natural ou os empreendimentos rurais. Sabemos das discussões e pesquisas que caminham no sentido do entrelaçamento entre características “materiais” e “imateriais” ou “intangíveis”<sup>29</sup> do patrimônio, e não é despropositado lembrar que essa teia pode ser tornada visível nesses locais por onde passou a Comissão Polli Coelho.

Alguns desses lugares talvez nem tenham marcas materiais daquele tempo. No entanto, essas mesmas possíveis marcas passaram a ter significado na medida em que são contextualizadas, “interpretadas – [...], “acrescentando valor à experiência do [visitante e do morador], por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar”<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> FONSECA, M.C.L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2.ed.. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p.66.

<sup>30</sup> MURTA, S.M. e GOODNEY, B. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, S.M. e ALBANO, C. (orgs.). *Interpretar o Patrimônio – um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.13.

Foram estes os itinerários percorridos por Antônio e Guiomar em 1947 e 1948, no Sudeste de Goiás:

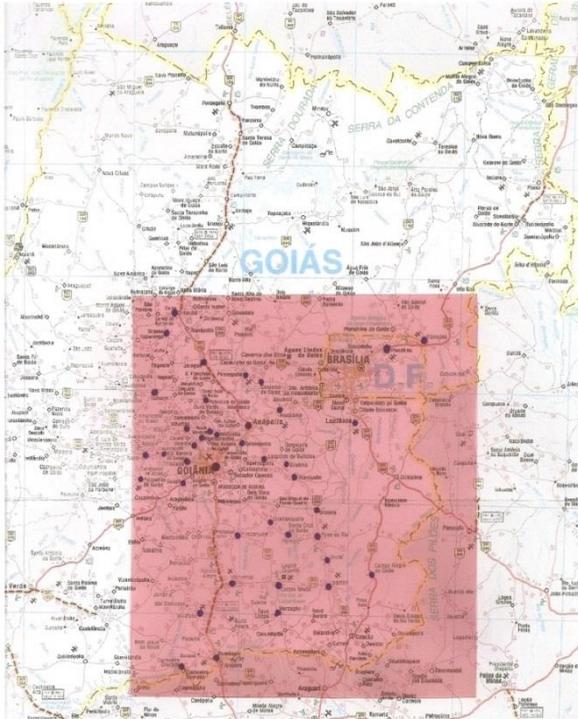


Fig. 3: Área do Sudeste Goiano visitada pela Subcomissão de Investigações Agronômicas, da Comissão Polli Coelho - 1947-1948. (Registros marcados em mapa no Guia Quatro Rodas. 2004. Centro-Oeste).

Itinerários percorridos:

Goiânia - Trindade - Santa Bárbara - Goiânia  
Goiânia – Anápolis - Planaltina  
Planaltina - Alto Maranhão - Planaltina  
Planaltina - Lagoa Mestre d'Armas (Lagoa Bonita) - Planaltina  
Planaltina - Formosa  
Formosa - Alto Paraná, Alto Urucuaia - Formosa  
Formosa - Alto Rio Preto - Lagoa Feia - Formosa  
Formosa – Planaltina - Luziânia  
Luziânia - Vale do Rio São Bartolomeu - Luziânia  
Luziânia - Vales dos Rios Mesquita, Rios Saia Velha e Vermelho - Luziânia  
Luziânia – Vianópolis – Silvânia  
Silvânia – Suçupara (em Silvânia) – Piracanjuba – Caldas  
Novas  
Caldas Novas - Lagoa Pirapetinga - Caldas Novas  
Caldas Novas – Serra - Caldas Novas  
Caldas Novas – Marzagão - Água Limpa – Buriti Alegre –  
Itumbiara  
Itumbiara –Cachoeira Dourada - Itumbiara  
Itumbiara – Goiatuba – Morrinhos – Piracanjuba – Goiânia  
Goiânia – Inhumas – Itaberaí - Jaraguá  
Jaraguá - Colônia Agrícola Nacional de Goiás - Jaraguá  
Jaraguá – Uruana - Jaraguá  
Jaraguá – Goialina (Petrolina de Goiás) –

Souzânia - Anápolis  
Anápolis - Subestação Experimental - Anápolis  
Anápolis - Vale do Rio das Antas - Anápolis  
Anápolis - Corumbá de Goiás  
Corumbá de Goiás – Abadiânia - Vale do Rio  
Capivari - Corumbá de Goiás  
Corumbá de Goiás - Alto Rio Verde - Corumbá  
de Goiás  
Corumbá de Goiás - Vales dos Rios Areia e  
Descoberto - Corumbá de Goiás  
Corumbá de Goiás - Pirenópolis  
Pirenópolis – Pireneus - Pirenópolis  
Pirenópolis – Lagolândia - Vales dos Rios dos  
Peixes e dos  
Patos  
Pirenópolis – Anápolis - Goiânia  
Goiânia - Matas do Algodão (em Goianira) -  
Goiânia  
Goiânia – Nerópolis - Goiânia  
Goiânia - São Geraldo (Goianira) - Goiânia  
Goiânia - Leopoldo Bulhões - Goiânia  
Goiânia – Suçuapara (em Silvânia) - Goiânia  
Goiânia – Piracanjuba - Goiânia  
Goiânia – Goianópolis – Anápolis – Goianás (Nova  
Veneza) – Brazabantes Goiânia – Itauçu –  
Inhumas - Goiânia  
Goiânia – Guapó – Mataúna (Palmeiras de Goiás)  
– Nazário –  
Trindade  
Goiânia – Aureliópolis – Cristianópolis –  
Corumbalina (Santa Cruz de Goiás) - Pires do Rio  
Pires do Rio – Orizona - Pires do Rio  
Pires do Rio - Urutaí  
Urutaí – Cavalheiro – Rudá (Campo Alegre) -  
Ipameri  
Ipameri – Veríssimo - Ipameri  
Ipameri - Caldas Novas – Morrinhos – Goiânia

Essas memórias da capital são, também, memórias do Centro-Oeste. A memória dos caminhos de busca do local onde Brasília foi construída são parte das histórias desse mundo sertanejo do Centro-Oeste.

Já que Guiomar e Antônio estavam juntos nos trabalhos exploratórios, e ambos faziam anotações – ela, em cartas; ele, em Diário de Campo -, em vários momentos documentaram impressões sobre um mesmo lugar. Foi o caso da passagem por Pirenópolis, em outubro de 1947:

Noite quente, a de 17/18. Madrugada fresca.

Excursão, com o Prefeito, aos Pirineus. Subida relativamente fácil pela estrada que, da cidade, pela encosta da serra, leva ao alto, permitindo, aqui e ali, a vista descaçar sobre paisagem de belo e, às vezes, surpreendente efeito. Seria conveniente, face os danos causados pelas queimadas à flora e à fauna, que o Ministério da Agricultura determinasse a criação do Parque Nacional dos Pirineus e o instalasse, o mais cedo possível.

Ainda em companhia do Prefeito Mendonça Lopes, fomos ao vale do rio do Peixe e, deste, ao dos Patos, ficando, assim, conhecendo um pouco do noroeste das terras de Cruls.

Em Lagolândia, sede de distrito, reside a "Santa Dica" que exerce, indubitavelmente, influência política marcante na vila, que considera e tem como criação e obra sua.

À tarde, depois de grande trovoadas e alguma chuva, volta à cidade onde chegamos com a noite e bastante calor.

*Pirenópolis, 19 de outubro de 1947.*

*prestar. A luz é muito boa. Ontem fizemos, com o Prefeito, senhora e filhinha, um bonito passeio, ao pico dos Pirineus, a 1385 ms. Não é tão alto como poderia parecer, porque a cidade está a 750 ms. O automóvel chega até bem perto. Depois sobe-se a pé. Há, no alto do pico, minúscula capela. Costumam fazer romarias, na lua cheia de julho.*

vi uma lâmpada elétrica que era, sem dúvida, um ex lampião de querosene. — Vamos hoje para Anápolis, e em seguida para Goiânia, onde contamos encontrar notícias.

Há referências, também, a viajantes mais antigos, como Cruls, e a migrações em busca de terra, clima, trabalho. Em carta escrita na cidade de Planaltina, em setembro de 1947, diz Guiomar:

ainda quando voltaremos. Ontem viajamos o dia inteiro. Saímos de Goiânia pelas 9 e pouco, paramos bem Anápolis para almoçar, e viemos para Planaltina, por uma estrada boazinha, através de serrados, capoeiras, carrascais, etc. De vez em quando um regatimbo atravessa a estrada. Chegamos aqui já noite. Um dia inteiro de automóvel cansa bastante. É verdade que a gente vai se lembrando dos outros, os da Comissão Cruls, que andaram isso tudo a cavalo, e vai suportando. A cidade é maravilhosa

via tempo para consulta. — Amanhã iremos a Formosa, onde demoraremos, talvez, uns dois ou três dias. Nossa nova correspondência deve continuar a ser dirigida para "O Popular". — Por aqui passam muitos "perigrinos" em grandes grupos, que vêm a pé, do interior da Baía, em busca de melhores climas, melhores terras, e principalmente, de trabalho. Andam léguas e léguas, a pé. De vez em quando os caminhões do Departamento de Estradas de Rodagem ajudam, levando-os de um lugar para outro.

São caminhos e memórias de escolhas de um lugar para a então futura capital, e relatos do Centro-Oeste.

Trata-se de um patrimônio cultural, em grande parte “intangível” por se sustentar em histórias contadas. A partir dessas histórias, volta-se às ideias de um sertão do Centro-Oeste onde se construiria (e se construiu) a nova capital brasileira. Pode-se então reconhecer também, naqueles itinerários percorridos e naquelas narrativas, rastros de histórias da formação do Centro-Oeste brasileiro.

*BRAZIL'S CAPITAL IN THE HINTERLANDS OF THE  
CENTRAL-WESTERN REGION: THE PATHS OF MEMORY*

*ABSTRACT*

We intend to register milestones in the creation of Brasília (built and opened in 1960 in the hinterlands of Central-Western Brazil), within the historical, artistic-cultural and literary processes of the Central-Western region. We seek references in literature and from Brazilian history – especially in what concerns the idea of what “sertão” (hinterland) is – and about the processes which led to the moving and placing of the new capital. Among those, we highlight notes made during explorations through the Goiano Southwest in the framework of the Study Commission for the Placing of the New Capital of Brazil, in 1947 and 1948, by the agronomist engineers Antônio de Arruda Câmara and Guiomar de Arruda Câmara, respectively, in chronicles and field diary, as well as letters addressed to their daughter, Joanna de Arruda Câmara. We note that the affective features of the information (Antônio and Guiomar are the author’s grandparents), bring important contributions to the knowledge of it all; the stories told orally, through chronicles, field diaries or letters are essential documents for the reconstruction of the ways in the process; and it is from these memories that the image of the placing of the new capital in the Brazilian hinterlands plays a significant role.

*KEYWORDS*

Central-Western, Brasília, formation, changings, the Polli Coelho Commission.

## REFERÊNCIAS:

ABREU, Marcelo. Cultura chega a galope. *Correio Braziliense*, Brasília, 15.04.2010. Capa e Cidades, p.46.

ABREU, Regina & CHAGAS, Mário. (orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, vol. 8, n. 15, 1995.

ARRUDA CÂMARA, Antônio. *Crônicas*. Rio de Janeiro, 1960. mimeo. Acervo de Ivany Câmara Neiva.

\_\_\_\_\_. *Investigações Agronômicas. Regiões do Estado de Goiás*. Rio de Janeiro: Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, 1948.

BARTHOLO, R.; SANZOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). *Turismo de Base Comunitária – diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BAZZO, Ezio Flavio. *Entre os gritos do carcará e a desfaçatez da raça humana*. Brasília: Bucentauro Publicações, 2006.

BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central. Eco-História do Distrito Federal: do indígena ao colonizador*. Brasília: Verano, 2000.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Fronteiras de identidade regional no Sertão do Brasil Central. *Revista Presença*, Goiânia, 09-10 set.1986. Disponível em <http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2001/CavalcanteMaria.pdf>. Acesso em 10.06.2014.

CHAUVET, Gustavo. *Brasília e Formosa: 4500 anos de história*. Goiânia: Keops, 2005.

COMISSÃO DE ESTUDOS PARA LOCALIZAÇÃO DA NOVA CAPITAL DO BRASIL. *Relatório Técnico. 3v. Rio de Janeiro: Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, 1948.*

COSTA, Graciete Guerra e MEDEIROS, Valério A. Soares. *A cartografia do Distrito Federal*. Disponível em [https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/costa\\_medeiros\\_a-cartografia-do-distrito-federal.pdf](https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/costa_medeiros_a-cartografia-do-distrito-federal.pdf). Acesso em 14.06.2014.

[COTRIM, Márcio, História da história. \*Correio Braziliense\*, Brasília, 14 jun. 2014. Cidades, p.9.](#)

[CRULS, Luiz. \*Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central: Relatório Cruls. Edição\* especial do Centenário da Missão Cruls – 1892-1992. Brasília: Codeplan, 1992.](#)

LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimentos – história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996.

MENDES, G.F. e ALMEIDA, M.G.. Memória, Símbolos e Representações na Configuração Socioespacial do Sertão da Ressaca. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*. Fortaleza, ano 07, número 13, 2008 p 29-37. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/5/2>. Acesso em 10.06.2014.

MENEZES, Ulpiano B. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de. *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

MIRANDA, Danilo Santos de. *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

MONTI, Estevão Ribeiro. *As veredas do grande sertão-Brasília: ocupação, urbanização e resistência cultural*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Luiz Cruls - o homem que marcou o lugar*. Brasília: Gráfica e Editora Qualidade, 2003.

MURTA, Stela Maris & ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o Patrimônio – um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891)*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm). Acesso em 10.06.2014.

\_\_\_\_\_. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. 1946*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm). Acesso em 10.06.2014.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

RODRIGUES, M. de F. F. *Sertão no Plural: da linguagem geográfica ao território da diferença*. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2001.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão, Veredas*. 13.ed.. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979.

SUÁREZ, Mireya. Sertanejo: um personagem mítico. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, UFG, 1(1): 29-39, jan./jun. 1998.